

De Reil e Burg Mosel para o Fritzenberg¹

Moacir Fritzen²

Manhã do dia 14 fevereiro de 2023, no Cemitério Católico de Linha Nova Baixa, em Presidente Lucena. O dia estava ensolarado, com calor típico do verão no Rio Grande do Sul. Ao deslizar o giz branco sobre a superfície áspera da pedra de arenito, veio à tona o nome de Johann Stephan Fritzen, esculpido na lápide, embora com uma grafia um pouco diferente: Johann Stefan Fritzen. Abaixo dos meus pés, repousam os restos mortais do meu pentavô que imigrou para o Brasil no final da década de 1820.

Nascido em 8 de agosto de 1787, em Reil, na atual Alemanha, ao longo de 73 anos de vida, ele foi citado com diferentes nomes: Johann Stephan Fritzen (em alemão), Joannes Stephanus Fritzen (em latim), Jean Etienne Fritzen (em francês, na sua certidão de casamento), João Estevão Fritzen (em português). E há de se considerar ainda eventuais alterações de grafia como no caso da sua lápide. Várias identidades, mas é a mesma pessoa, o mesmo código genético, a mesma origem e o mesmo destino.

No dia 29 de maio de 1811, Johann Stephan casou com Anna Catharina Conrath, moça apenas duas semanas mais jovem do que ele, da cidade vizinha, separada de Reil apenas pelo Rio Mosela. Noivo e noiva tinham, portanto, 23 anos de idade. O compromisso foi firmado perante o prefeito oficial do Estado civil da prefeitura de Enkirch, do Cantão de Trarbach, Departamento de Rhin & Moselle.

Ah... O Vale do Rio Mosela com parreirais que se estendem ao longo das duas margens, até onde o olhar alcança. De um lado, Reil, e de outro, Burg Mosel. Pouca distância separa as duas comunidades. Lugar onde se respira ar puro, existe um silêncio que transmite uma sensação de paz e tranquilidade, onde o ritmo da vida pode ser admirado.

São pequenos vilarejos. Reil, mais populosa, com cerca de 1,2 mil habitantes. Já Burg Mosel é habitada por não mais do que três centenas de pessoas.

¹ Esse texto foi primeiramente publicado na Antologia da Almurs (Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul) de 2024.

² Jornalista, colaborador do Grupo Sinos.

Claro que no final da década de 1820, a realidade certamente era bem mais complicada, com famílias enfrentando sérias dificuldades como invernos extremos, guerras, doenças, fome, mortes. A falta de esperança de melhorar de condição certamente foi o motivador para que o casal Johann Stephan e Anna Catharina decidisse arriscar a sorte em outro continente. Ambos levaram consigo quatro filhas (Mariana, Catarina, Teresa e Regina) e um filho (João Pedro, com o nome de batismo Johann Peter, em alemão), além de alguns poucos objetos pessoais.

A família embarcou no Porto de Bremen no dia 26 de setembro de 1828 – nos dias que antecederam o embarque, certamente tiveram que percorrer uma distância de quase 500 quilômetros entre Burg Mosel e Bremen – e cruzou o Oceano Atlântico a bordo do veleiro de três mastros Olbers. Depois de percorrer cerca de 10 mil quilômetros por via marítima, os Fritzen, e mais centenas de imigrantes, chegaram ao Rio de Janeiro em 17 de dezembro de 1828. Além do vento e das correntes marítimas, a fé e a esperança também devem ter movido a embarcação em segurança até a costa brasileira.

No dia 7 de fevereiro de 1829, a família Fritzen partiu novamente, desta vez no bergantim Marquês de Viana, rumo ao Sul, com destino à Província de São Pedro. O casal, as filhas e o filho chegaram a São Leopoldo no dia 10 de março de 1829.

Pouco tempo depois, Johann Stephan e Anna Catharina, com as crianças, fixaram moradia no prazo de número 32, na então chamada Linha Hortêncio³. O local fica num morro – chamado até hoje por muitas pessoas de Fritzenberg em referência à família – que permite uma vista panorâmica do vale abaixo dele. A paisagem era deslumbrante, de tirar o fôlego, até onde a visão alcançava. Em dias ensolarados, a mata e a picada na região mais baixa, rodeada de morros. À noite, a lua e o céu estrelado como um punhado de diamantes jogado sobre uma superfície escura.

Alguns de seus novos conterrâneos foram seus companheiros e suas companheiras de viagem no veleiro Olbers e no bergantim Marquês de Viana.

Assim como as demais famílias, os Fritzen também precisaram derrubar a mata, construir uma habitação e iniciar algum plantio para que pudessem sobreviver na nova Pátria. Existiam ainda outros tantos perigos escondidos na selva, como os animais selvagens e os indígenas hostis. A adaptação não foi fácil para ninguém.

No entanto, nem tudo era sofrimento. Logo, o casal foi abençoado com mais dois nascimentos, das filhas Ana Gertrudes e Rosa (também chamada de Rosina). Numa carta,

³ Atual cidade de São José do Hortêncio, nas proximidades do limite com Linha Nova. Também é citada em registros como Portugieserschneis, ou seja, Picada dos Portugueses.

o imigrante Matias Franzen escreveu em 1832 que “João Estevão Fritzen mora a uma hora longe de mim, gozam de perfeita saúde e prosperidade”.

A paz não era tão presente naqueles tempos. Sempre havia riscos. No mesmo ano, o português Hortêncio Leite de Oliveira⁴ apeou na propriedade da família Fritzen, ajuntou um punhado de terra e alertou: “Stephan, estás vendo? Cada grão que escorre entre os meus dedos é um bugre que está vindo para cá”. Era o recado de um iminente ataque de indígenas naquela região e um aviso para que todos se protegessem. No mesmo período, ocorreu o massacre no Rosental⁵, que vitimou praticamente toda a família Goellner – a única sobrevivente conhecida, Helena Goellner, então ainda uma pré-adolescente, na sua fuga, possivelmente passou próximo das terras de Johann Stephan Fritzen. O episódio traumatizou as famílias que viviam nas colônias.

Entranhado no morro, o lote da família Fritzen provavelmente permitisse uma vigilância a olho nu na direção da picada abaixo, mas ao mesmo tempo poderia ser invadido pelas áreas mais superiores.

No ano de 1841, outro acontecimento trágico chocou a comunidade. Quatro homens foram assassinados numa emboscada praticamente onde as águas dos Arroios Cadeia e Feitoria se encontram, no atual limite entre São José do Hortêncio e Lindolfo Collor. Peter Ludwig, dono de um lanchão que fazia o transporte de mercadorias, juntamente com Friedrich Glöckner, Nikolaus Leidens e Mathias Schneider, foram mortos e enterrados na mata. A canoa foi incendiada. Mathias Schneider era casado com Catarina Fritzen e, portanto, genro de Johann Stephan Fritzen.

A região estava envolta com a Revolução Farroupilha naquela década. Havia simpatizantes dos farrapos e também dos imperiais. Conta-se que Peter Ludwig teria denunciado um tal Carlos, supostamente farrapo, pois este teria furtado gado. Isso teria criado uma rusga entre eles. No fatídico dia, Carlos e seus asseclas teriam montado uma espécie de pedágio no Arroio Cadeia, onde Peter Ludwig e os demais foram abordados. A passagem somente seria permitida caso fosse paga uma certa quantia. Peter, então, como dono do lanchão, teria feito um acordo para pagar no retorno, pois precisava de dinheiro para fazer as negociações. Ao retornarem, a tocaia já estava armada e os quatro homens na embarcação foram cruelmente mortos.

As famílias fizeram buscas e não encontraram os corpos. Os quatro homens ficaram então desaparecidos. Até que, em 1849, chegou à paróquia o primeiro padre que falava alemão, Johannes Sedlack. O sacerdote fez um sermão e cobrou com veemência que os

⁴ Hortêncio Leite de Oliveira era um antigo proprietário de terras naquela região.

⁵ Hoje chamado de Roseiral, quase no limite dos atuais municípios de Linha Nova e Feliz.

paroquianos sumidos deveriam ser localizados. Foi então que os restos mortais foram encontrados em covas e depois sepultados no cemitério de 14 Colônias.

A tragédia que se abateu sobre parentes e amigos também serviu para aproximá-los durante as buscas. E desse contato, resultaram três matrimônios entre as famílias Ludwig e Fritzen: Johann Peter (João Pedro) Fritzen com Anna Maria Ludwig, Jacob Ludwig com Ana Gertrudes Fritzen e Pedro Ludwig com Rosina (Rosa) Fritzen.

Em 30 abril de 1838, os nomes João Estevão Fritzen, Mathias Schneider, Nikolaus Leidens e de outros constavam num requerimento de soldo atrasado por colonos que atuaram como soldados de 15 de abril até o final de setembro de 1836, sob as forças lideradas por Johann Daniel Hillebrand, na Colônia de São Leopoldo. Isso comprova que os homens assassinados defenderam o Império durante a Revolução Farroupilha e esse também pode ter sido um ingrediente a mais na desavença que culminou no crime.

No dia 28 de março 1844, ocorreu a fundação da Paróquia São José, e Johann Stephan Fritzen é citado na ata como um dos membros, na qualificação de servidor eclesiástico. Os registros da época trazem o relato de que havia uma mobilização para construção de uma capela maior nas terras de Nikolau Dill, pois a anterior estava se tornando pequena para abrigar os fiéis católicos. O documento cita, inclusive, que houve divergências sobre o tamanho da construção e que a própria Revolução Farroupilha também teria contribuído para um certo clima de confusão e desordem na comunidade.

Outro momento importante aconteceu no ano de 1854, quando Johann Stephan Fritzen vendeu o prazo 32 para Johann Peter Heck, que era irmão de dois de seus genros: Heinrich Peter Heck, casado com Teresa Fritzen, e Johann Jacob Heck, casado com Regina Fritzen. E então advém mais uma curiosidade: Johann Peter Heck era casado com Helena Göllner, justamente a sobrevivente do ataque do Rosental.

Johann Stephan Fritzen e Anna Catharina Conrath Fritzen se mudaram para Capela do Rosário, perto da margem do Arroio Cadeia, onde seus descendentes viveram ao longo de gerações – inclusive alguns ainda residem na localidade. O relato transmitido oralmente entre os familiares é de que, para se proteger bem de uma eventual invasão, a nova casa da família Fritzen teria sido construída com paredes bem espessas.

E assim, aos poucos, mais histórias de famílias se entrelaçaram. Parentes, amigos, vizinhos, membros de comunidades e até inimigos, fizeram com que o convívio amistoso ou agressivo, construísse um rico e vasto legado.

Referências bibliográficas

Amstad, Theodor. Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

Goulart, Tânia. Freiheit, Gleichheit, Menschlichkeit: os alemães na Revolução Farroupilha. Novo Hamburgo, 19 de set. de 2014. Disponível em: https://www.jornalvs.com.br/_conteudo/2014/09/noticias/regiao/85077-freiheit-gleichheit-menschlichkeit-os-alemaes-na-revolucao-farroupilha.html?fbclid=IwAR3eS5E1aoGkLB7BToVXLswmx9Xy1QagoJg6i7K_AyREON-Aq3nO0VLqyp8Q. Acesso em: 20 fev. 2024.

Hunsche, Carlos Henrique; ASTOLFI, Maria. O Quadriênio 1827 – 1830 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora G&W, 2004.

Klein, Renato. Do Alto do Morro Grande se avista São José do Hortêncio e grande parte do Vale do Caí. Relato de viagem realizada no início do século XX. São Sebastião do Caí, 2 de jul. de 2013. Disponível em: <https://historiasvalecai.blogspot.com/2013/07/2252-capelas-da-antiga-paroquia-de-sao.html>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Rosa, Gilson Justino. Imigrantes Alemães 1824-1853. Porto Alegre: EST Edições, 2005.

Staudt, Jaqueline. Família Schneider. Nova Petrópolis, 01 nov. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/Schneider1801/photos/1368362273566362/?paipv=0&av=AfYw_TKXO6inix_HJ6xSoRmpv-E4KQfW-uif4-EJn-NM7ySFk58-Fo1O_0U4R3HBZIQ&_rdr. Acesso em: 20 fev. 2024.